



Quando Amós Oz chegou ao Brasil

Nancy Rozenchan*

Universidade de São Paulo (USP) | São Paulo, Brasil
nrozench@usp.br

Não foi quando ele desceu do avião. Até chegar fisicamente ao Brasil, o ilustre escritor israelense, falecido há pouco, teve a porta de entrada franqueada, como é óbvio, pela tradução e publicação de algumas de suas obras. Isso teve início ainda em 1978 com o trabalho pioneiro da Profa. Rifka Berezin, professores e alunos do curso de hebraico da USP que traduziram e publicaram dois contos de Amós Oz, pela Editora Símbolo, “Caminho do vento” e “O nômade e a víbora” (original de 1965), dentre outros autores da safra literária então em ascendência de Israel. Um grande avanço para o conhecimento da obra do escritor israelense ocorreria poucos anos depois, em 1982, quando Rifka Berezin, Sônia Boguchwal e Nora Rosenfeld traduziram o romance *Meu Michel* e o publicaram pela Summus Editorial (original de 1968).

Introduzir um novo escritor, de língua e cultura bastante distantes do novo público, é tarefa hercúlea. Ao se olhar hoje para traz, os inúmeros leitores têm razão ao se rejubilar com os cerca de vinte de livros de Oz traduzidos ao português: essa obra extrapola o universo da literatura e o universo judaico. A reflexão que se impõe a partir dela enriqueceu a cultura brasileira.

Traduzir Amós Oz, assim como diversos outros autores israelenses, causou inúmeros prazeres aos que lidaram com a missão e com o pioneirismo. Aos que questionam como é traduzir do hebraico, como é traduzir um grande autor e uma grande obra, as respostas fornecidas por diversos tradutores em diversas línguas se equivalem: há uma tradução correta, objetiva e única/não há uma tradução correta, objetiva e única; cada tradução é a leitura que o tradutor faz daquela obra; as escolhas do tradutor são inevitavelmente subjetivas; seu vocabulário é um vocabulário pessoal, diferente do de qualquer outra pessoa.

Não sendo a linguagem de Oz mais complicada do que a da maioria dos outros autores israelenses – e quem conhece a obra de S. Y. Agnon, autor que influenciou Oz, sabe a que me refiro – a complexidade na tradução concentra-se na busca da voz, do tom que conduz a obra e no ajuste em português da mesma consistência de tom e voz. O que se diz na nova língua deve ser o mesmo que o original expressou, mesmo se não é expresso nas mesmas palavras e/ou na

* Professora Sênior de Língua e Literatura Hebraica da Universidade de São Paulo.



mesma sequência. A história deve ser a mesma, o modo de narrar e as questões humanas básicas devem ser os mesmos. Quando o leitor tem consciência desta disposição, não aponta para vocábulos que diferem do original.

Nas traduções mencionadas, houve grande interação de pelo menos parte dos colaboradores. A linguagem de Oz é rica; o hebraico expõe muitas camadas, pois há o hebraico bíblico, o medieval, o dos livros sapienciais, o do período da ilustração, o dos pioneiros em Israel, o hebraico contemporâneo. As respectivas faixas de expressão e de cultura ultrapassam de longe o escopo de quase todas as línguas contemporâneas. A riqueza de muitos vocábulos hebraicos não é transportável para outros registros. Quarenta anos mais tarde, a lembrança da tradução dos primeiros contos pode ser resumida, como exemplo, à dificuldade que se expressou no conto “O caminho do vento”.

No original, o que foi vertido para “caminho” também pode ser vertido para “modo”; o que foi vertido para “vento” pode igualmente ser traduzido como “espírito”. O uso dessas palavras pelo autor se baseia em uma sagaz intenção múltipla, o que não pode ser reproduzido em outras línguas. Os debates em torno da tradução foram quase dolorosos; a escolha falha do título poderia desviar o foco central do conto. Dolorosos ou não, foi preciso decidir. É um problema constante do hebraico e leva a um saudável exercício mental.

Anos depois, coube-me traduzir dois romances de Oz, *Conhecer uma mulher* e *A caixa preta*. Ambos foram publicados pela Companhia das Letras, respectivamente em 1992 e 1993.

Enquanto tradutores para a língua inglesa, conforme depoimentos diversos, se comunicavam com o autor, isso seria de pouca valia para o português. O traquejo na transmissão e o esclarecimento de conceitos diversos da temática judaica e/ou israelense desenvolvido nas aulas que ministrei de literatura hebraica foram de grande valia na tradução. Seguindo os princípios básicos do trabalho tradutório e levando em conta as eventuais dificuldades de leitores distantes da cultura judaica, o propósito de facilitar a aproximação do leitor ao texto, na medida do possível, foi sempre mais um elemento condutor na tradução.

Trabalhei sozinha na tradução dos dois romances. Por ter sido alvo de muitos comentários, destaco a tradução de *A caixa preta*, texto que apresenta uma estrutura interessante constituída de cartas e telegramas enviados pelos personagens de faixas etárias e níveis socioculturais diversos. A trama reporta-se a um período de efervescência política, um dos muitos que Oz acolheu em seus livros. Repetidamente fui surpreendida por elogios de ter conseguido colocar tão bem a linguagem de cada missivista e, em especial, a do adolescente perdido nos emaranhados familiares acentuados pelos extremismos políticos



vigentes. O adolescente, que abandonou a escola, expressa os seus anseios pelo bem e pelo futuro do país. Não houve dificuldade maior na reescrita de sua correspondência cheia de erros, transcritos na mesma proporção de erros de grafia, de conjugação ou de concordância, devidamente adaptados a incorreções compatíveis em português. Era contar quantas palavras erradas havia em hebraico e colocar um número igual em português... Foi difícil convencer os leitores que o dono do texto bem escrito era Amós Oz...

O Amós Oz com que leitores de todas as categorias se enlevam atualmente já estava presente nas primeiras obras que traduzimos. Tivemos um privilégio antecipado.

Recebido em: 30/03/2019.

Aprovado em: 10/04/2019.